

# O DEPÓSITO DE MACHADOS DO BRONZE FINAL DE COBIDALTO, AREOSA (VIANA DO CASTELO). NOVOS DADOS PARA A SUA CONTEXTUALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Ana M. S. Bettencourt<sup>1</sup>, Beatriz Comendador <sup>2</sup>,  
Pedro Pimenta Simões<sup>3</sup> & M. Isabel Caetano Alves<sup>3</sup>

**Resumo:** No âmbito do Projeto Enardas iniciaram-se trabalhos de revisão de depósitos e de achados metálicos assim como da sua contextualização física e ambiental. Após um ano de pesquisas foi possível determinar o local exato do depósito designado por Monteagudo (1977) como da Areosa e referido na Carta Arqueológica de Viana do Castelo como tendo aparecido no lugar do Fincão, freguesia da Areosa. De notar, igualmente, que este depósito estava dado como depositado no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Tendo sido possível encontrar um dos achadores, foi também levantada a história das suas condições de achado bem como da sua dispersão por diferentes particulares.

Identificaram-se alguns dos seus proprietários, que visitámos, tendo sido possível reavaliar seis dos oito artefactos então encontrados. Foi também possível determinar que não existe qualquer machado deste depósito no município de Viana.

O depósito foi encontrado numa diaclase de xisto, no lugar do Cobidalto, freguesia da Areosa, concelho e distrito de Viana do Castelo, nas margens de um ribeiro que desagua diretamente no oceano. Tendo em conta que a linha da costa era mais recuada durante a Idade do Bronze, o seu contexto, se bem que próximo do litoral, era sobretudo fluvial. Tal como hoje, a linha da costa seria, então, profusamente rochosa sendo as imediações do local de grande impressividade, dado o conjunto de geoformas existentes.

Seria certamente um local de passagem entre as terras mais interiores e o mar e também um lugar liminar.

**Palavras-chave:** Bronze Final, Depósito de machados de talão, Contexto físico e espacial, Lugar liminar.

**Abstract:** As part of Project Enardas we have worked on the formal study of hoards and metal findings as well as their physical and environmental context. After a year of research it was possible to determine the exact location of the deposit called the Areosa by Monteagudo (1977) and as having appeared in the place of Fincão, parish of Areosa, in the Archaeological Chart of Viana do Castelo. It should also be noted that this hoard was given as filed in the “Gabinete de Arqueologia” of Viana do Castelo City hall.

Having been able to find one of the hoard finders it was also raised the story of the finding conditions as well as their dispersal by different individuals.

After that we identified some of their owners that we visited to re-evaluate six of the eight axes found then. It was also possible to determine that there is no axe of this hoard in the “Gabinete de Arqueologia” of Viana do Castelo City hall.

---

<sup>1</sup> Departamento de História da Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga (Portugal); Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM/UM. E-mail: ana-bett@uaum.uminho.pt

<sup>2</sup> Facultad de Historia, Universidade de Vigo (Espanha); Grupo de Estudios de Arqueología, Antigüidade e Território - GEAT. E-mail: beacomendador@uvigo.es

<sup>3</sup> Departamento de Ciências da Terra, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga (Portugal); Centro de Geologia da Universidade do Porto - CGUP/UM/CCT: E-mail: pedropimenta@dct.uminho.pt; icaetano@dct.uminho.pt

The deposit was found in the interior of an open foliation of a schist, in the place of Cobidalto, Areosa parish, county and district of Viana do Castelo, on the banks of a stream that flows directly into the ocean.

**Keywords:** Later Bronze Age, Palstaves hoard, Physical and spatial context, Liminal place.

## 1. INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo dar a conhecer a localização, as circunstâncias do achado e o destino do vulgarmente conhecido depósito da Areosa encontrado antes de 1977 e publicado, pela primeira vez, por Monteagudo (1977: refs. 1034, 1057, 1061, 1089, 1111, 1121, 1481, 1489). Neste trabalho o autor desenha os oito machados que diz terem sido encontrados por uma criança, numa fenda rochosa, perto do mar, na freguesia da Areosa, na “*Praia Norte, Castelo Velho*” (*idem*: 170). Tendo em conta que a Praia Norte corresponde, hoje, a uma área de pouco menos do que 1 km de extensão a sul do forte do Rego das Fontes (o referido Castelo Velho de Monteagudo), o seu contexto torna-se vago. Acrescente-se que nas fichas manuais da Carta Arqueológica de Viana do Castelo, da responsabilidade de Carlos Alberto Brochado de Almeida, que consultámos numa cortesia do Gabinete de Arqueologia deste município, o achado é dado como sendo do Rego das Fontes, que se localiza a sul do forte, embora nenhuma explicação tenha sido dada sobre como se conseguiu esta pretensa contextualização do depósito. Perante estes dados, todos eles muito vagos, considerámos pertinente, desenvolver esforços para encontrar algum dos descobridores que pudesse elucidar, de forma definitiva, o contexto deste achado, as suas condições de recuperação e o seu destino. Pretendia-se, ainda, a partir dos novos dados, equacionar algumas hipóteses sobre a interrelação das populações do Bronze Final com o meio, na perspectiva de contribuir para a interpretação deste tipo de fenómeno de ocultação de artefactos metálicos.

Este trabalho foi realizado no âmbito do projecto ENARDAS e demorou mais de um ano e só obteve êxito através do incansável trabalho do Sr<sup>o</sup> António Martins da Costa Viana, morador no lugar dos Cabeços, freguesia da Areosa, historiador local e conhecedor de grande parte da microtoponímia da freguesia, hoje em vias de extinção dado o emparcelamento que se verificou na veiga da Areosa durante o século XX e a nova reforma administrativa que acabou com os antigos lugares, transformando-os em inúmeras ruas.

## 2. A RECUPERAÇÃO DO CONTEXTO

Tendo um de nós (AMSB) recorrido à Junta de Freguesia da Areosa para tentar saber se eram possuidores de alguma informação sobre o achado, remeteram-nos para o Sr<sup>o</sup> António Martins da Costa Viana que gentilmente nos recebeu. Por sorte ele tinha sido amigo do comprador de cinco machados que, enquanto vivo, lhe escrevera uma nota sobre o assunto, dizendo-lhe que estes tinham sido encontrados por uns rapazes do lugar dos Cabeços, um dos lugares da Areosa.

Com esta informação parecia-nos fácil encontrar quem se lembrasse do achado e dos respetivos achadores mas, na verdade, tal tarefa demorou mais do que um ano. Foi por acaso que em conversa com o Sr<sup>o</sup> Raul Marques, o Sr<sup>o</sup> António Costa Viana<sup>4</sup> ficou a saber quem era um dos achadores. Tratava-se do Sr<sup>o</sup> Carlos Alberto Caldas Cerqueira, há muito emigrado em França, mas que viria passar férias a Portugal, em Agosto de 2013 sendo possuidor de uma habitação lugar da Povoença, freguesia da Areosa. Finalmente e por intermédio do Sr<sup>o</sup> Raul Marques tornou-se possível promover um encontro com o Sr<sup>o</sup> Carlos Alberto Caldas Cerqueira para que nos indicasse o local e as condições do achado.

Segundo o seu testemunho, o achado deu-se na década de 60 do séc. XX, talvez nos fins do Inverno ou na Primavera (pois ainda corria água no regato do Fincão) onde andavam a brincar com barquinhos feitos de casca de pinheiro. Eram três rapazes: ele, o Chico Malhado e o Adriano ou Luciano, afirmando que, qualquer um deles, já não morava na Areosa. Segundo o Sr<sup>o</sup> Carlos o Adriano ou Luciano foi o primeiro que viu os machados numa cavidade natural, muito perto do ribeiro do Fincão, a norte. Estavam a descoberto um ou dois, juntamente com seixos e terra. Tendo começado a remexer no local, encontraram os outros, que estavam por baixo, o que nos indicia que estavam uns sobre os outros, informação contraditória à de Monteagudo (1977: 170) que diz que estes se encontravam na vertical. Dada a profundidade da concavidade se estivessem na vertical teriam que estar ao lado uns dos outros.

Como o Luciano/Adriano não se interessasse muito pelo achado, ficou apenas com um, o Chico Malhado<sup>5</sup> com dois e ele com os restantes cinco, tendo entretanto partido um bocadinho de um ao bater com ele numa parede. De entre os machados que ficaram com os colegas, um deles foi vendido por 1000\$00 escudos o que equivale a 5 euros atualmente.

O Sr<sup>o</sup> Cerqueira foi “oferecer” os machados ao Fangeira – um sucateiro que vivia na Povoença, não tendo a filha efetuado o negócio porque o pai se encontrava ausente. Entretanto apareceu um “guarda-soleiro” itinerante que os comprou para fazer ferros de soldar por *um dinheiro que já dava para comprar cigarros*. A história do achado espalhou-se através de um rapazote que a contou na taberna denominada Casa Amazonas. A filha do dono ou o próprio dono foi contar o sucedido à Guarda Republicana que perseguiu o “guarda-soleiro” e apreendeu os cinco machados. Ao fim de três meses, a Guarda Republicana chamou a mãe do Sr. Cerqueira e devolveu-lhe os machados, que os vendeu à Casa Seixas, sita no Campo do Castelo, na freguesia de Monserrate, em Viana do Castelo. Daí foram comprados pelo erudito Raúl de Matos, morador no lugar de S. Mamede, freguesia da Areosa onde ainda se conservam, na posse da viúva.

Segundo o local indicado e as nossas observações, o depósito foi amortizado numa pequena concavidade em forma de cunha, de direção aproximadamente norte-sul, com cerca de 1 m de comprimento por 0,40 m de largura e 0,30 m de profundidade, existente na rocha, do tipo xisto andaluzítico de grão fino, do Ordovícico (Teixeira *et al.* 1972) a

<sup>4</sup> Sobrinho de Abel Viana e incansável colecionador da sua obra.

<sup>5</sup> Terá trabalhado nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo. Não conseguimos encontrar o paradeiro deste senhor.

cerca de 1,5 m a norte de onde hoje corre o ribeiro do Fincão<sup>6</sup> mas onde, no passado, correu sem dúvida antigo curso de água pelas características geomorfológicas do lugar (Fig.1).



**Fig. 1** - O Srº Carlos em frente ao lugar do achado (à esquerda) e a cavidade onde foi encontrado (à direita).

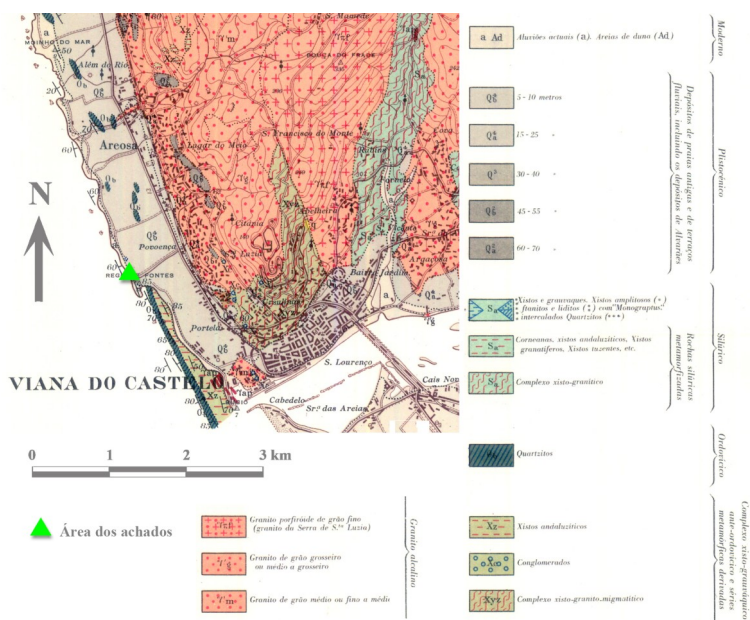
A este propósito um dos signatários (PPS) geólogo de formação verificou que, na área próxima do depósito, observa-se uma zona deprimida em que os xistos se encontram polidos. Trata-se de uma forma em pequeno canal, com 3,5 m de largura, de fundo achatado e polido e de direção aproximadamente E-W que terá sido formado pela erosão da água. A cerca de 20 m mais abaixo, em direção ao mar, existe uma outra superfície em forma de canal, mais curta em comprimento, também polida, de direção aproximadamente norte-sul, perpendicular à forma de canal anteriormente descrita (Fig. 2). Esta forma é mais estreita a sul ( $\pm 3,5$  m), abrindo para norte ( $\pm 5$  m).



**Fig. 2** - Ribeiro que corre na área do achado e pequena enseada na sua foz (à esquerda). Ribeiro e cavidade, em primeiro plano, onde foi encontrado o depósito (à direita).

<sup>6</sup>Há cerca de 120 anos o ribeiro do Fincão foi desviado, passando originalmente mais a norte, onde é hoje o caminho do Seixo, a sul da Etar e onde estão os moinhos de vento. O seu desvio deveu-se à construção da Casa da Baganha, no lugar da Povoença, Arcosa (informação do Srº António da Costa Viana que investigou sobre o assunto). No entanto, perto do achado já passava um curso de água, o que é notório, quer pela informação documental, quer pela geomorfologia do local.

Os xistos contactam a oeste com rochas quartzíticas também do Ordovícico (Pereira 1989). Sobre a superfície modelada nos xistos, pode-se observar numerosos seixos e blocos rolados, bem arredondados, essencialmente de composição quartzítica, e que correspondem à dispersão dos materiais dos depósitos de praias antigas do Holocénico (Teixeira et al. 1972), situados por cima dos xistos andaluzíticos, a nascente do local do achado do depósito metálico (Fig. 3). O dismantelamento, por processos geológicos, dos depósitos de praias antigas preexistentes, depositados sobre a plataforma litoral modelada sobre os referidos xistos andaluzíticos explica a existência de seixos na proximidade e no interior da concavidade onde foi efetuado o depósito metálico, sendo que aqueles poderão ter sido usados para preencher o espaço vazio após a deposição dos machados.

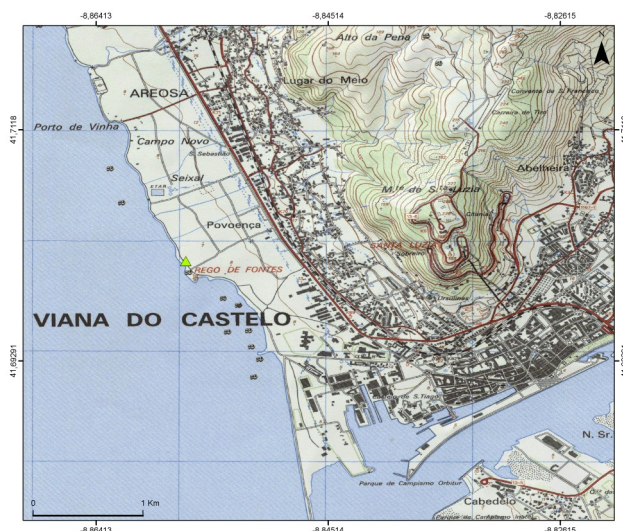


**Fig. 3** - Localização do local na Carta Geológica de Portugal, nº 5-A, na esc.1: 50 000 (Teixeira et al. 1972).

Do local do achado avista-se o mar e a costa rochosa onde desagua, agora, o ribeiro do Fincão (Fig. 2). A poucas centenas de metros para sul desta área e do Forte do Rego das Fontes, há uma enseada que funcionou como portinho natural para pequenos botes até ao séc. XX. Para norte e noroeste, a poucas dezenas de metros do local do depósito há numerosas solapas, impressionantes, que se avistam parcialmente do Cobidalto.

Apurámos, ainda, que antes do emparcelamento da veiga da Areosa o microtopónimo do local era Cobidalto ou Cabidalto, segundo indicação do Sr. António Costa Viana, ficando os Perinhos, a sul do ribeiro do Fincão e mais a sul, a cerca de 200 a 300 m, o Rego das Fontes onde existe uma fonte de grande caudal (a fonte do Rego das Fontes).

O achado, ocorreu, portanto, no Cobidalto/Cabidalto, no lugar da Povoeira, freguesia da Areosa, distrito de Viana do Castelo, às coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS 84 de: N. 41° 42.025'; W 08° 51.393' à altitude de c. de 6 m (Fig. 5).



**Fig. 4** - Localização do achado arqueológico na Carta Militar de Portugal, folha nº 40, escala 1:25 000 (IGEOE 1997).

## 2. A RECUPERAÇÃO DO CONJUNTO

Na tentativa de visualisarmos parte do conjunto, um de nós (BCR) iniciou os trabalhos pela observação do espólio metálico existente no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo onde foi depositado parte do espólio arqueológico proveniente do Museu de Artes Decorativas de Viana. Por comparação com os desenhos de Monteagudo (1977) verificámos que, de facto, nenhum dos machados em reserva, correspondiam ao referido depósito<sup>7</sup>, pelo que seria importante iniciar a procura das suas condições de depósito.

<sup>7</sup>No verão de 2011, Beatriz Comendador Rey estudou um conjunto de 20 machados de talão com dois anéis e 1 machado de alvado, pertencentes à coleção depositada em diferentes instituições da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Pode, ainda, estudar um machado de talão inédito, de propriedade particular, mas em depósito provisório no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Na primeira observação identificou um número mínimo de 11 machados, além de 3 fragmentos de gumes e um fragmento de gume e talão, que no total perfazem um conjunto de, pelo menos, 15 machados. Alguns continham etiquetas relativas à numeração que tinham no museu de onde procederam. No entanto, como não se conservaram as fichas antigas e os arqueólogos da câmara desconheciam a procedência dos machados, consideravam-nos como fazendo parte de dois depósitos: um inédito, supostamente encontrado aquando da construção da antiga central de autocarros, onde hoje se localiza o Hotel Axis, em Viana do Castelo, e o outro, como sendo o depósito do Rego de Fontes, Areosa (Monteagudo, 1977; Brochado 2008). Efetuado o estudo do conjunto, comprovámos que nenhum dos machados correspondia às descrições e aos desenhos efetuados por Luís Monteagudo (1977: nº 1034, 1057, 1061, 1089, 1111, 1121, 1481, 1489) relativos ao depósito de Areosa.



Como já foi referido, logo na primeira entrevista com o Sr<sup>o</sup> António da Costa Viana, tivemos conhecimento que os cinco machados que tinham sido do Sr<sup>o</sup> Cerqueira, se encontravam na posse da viúva do Sr<sup>o</sup> Raúl de Matos, a sr<sup>a</sup> D. Maria Alice Fernandes da Silva, moradora no Lugar de S. Mamede, freguesia da Areosa, tendo sido possível vê-los e estudá-los de novo, através da mediação do Sr<sup>o</sup> António Viana. Este mesmo senhor informou-nos que talvez o antigo proprietário da serralharia Franco, Lda, sita na Av. do Meio, n<sup>o</sup> 1162, Areosa, tivesse comprado alguns machados, dado tratar-se de um colecionador de velharias e de artefactos de interesse arqueológico. Assim, por intervenção da Junta de Freguesia de Areosa, pudemos falar com dois dos seus herdeiros, o Sr<sup>o</sup> António Joaquim Teixeira Franco e a Sr<sup>a</sup> D. Anabela Teixeira Machado Franco, que nos informaram ter a coleção do seu pai sido dividida pelos vários filhos. Tivemos oportunidade de observar a coleção de quase todos eles com duas exceções. De entre os inúmeros machados de bronze que observámos, todos sem etiqueta ou qualquer registo de lugar de proveniência (sendo, pelo menos um deles, falso), foi possível reconhecer um machado como sendo do depósito da Areosa. Tratava-se do n<sup>o</sup> 1061 de Monteagudo (1977) (Fig. 5). Ficaram por conhecer o depósito de dois machados. Ainda falámos com os antigos antiquários da Areosa na tentativa de saber se algum deles teria comprado o machado que se vendeu por 1000\$00 escudos mas nenhum deles respondeu afirmativamente.



**Fig. 5** - Conjunto de cinco machados propriedade da família do Sr. Raul de Matos e de um machado propriedade do Sr. António Joaquim Teixeira Franco, moradores na freguesia da Areosa, concelho e distrito de Viana do Castelo.

### 3. CARACTERÍSTICAS DO CONJUNTO

O depósito era composto por oito machados de talão de duas argolas, tal como publicou Monteagudo (1977). Com uma exceção, todos conservavam o cone de fundição maciço e restos de rebarbas e, em geral, não apresentavam indícios de terem sido utilizados.

Segundo as suas características morfológicas e dimensões todos eles foram realizados em moldes bivalves, mas distintos (Tab. 1).

**Tab. 1** – Dimensões dos machados segundo Monteagudo (1977) e pesos

Ref. Monteagudo	Alt. máx.	Diâmetro máx.	Ancis máx.	Larg. gume	Esp. máx.	Peso aprox.
1034	237	40	(43)	57	37	1200
1057	244	50	64	55	30	1100
1111	270	-	70	55	30	1225
1089	230	45	52	43	45	1075
1481	217	-	65	63	43	1025
1061	213	38	69	47	39	1172
1489	250	-	52	-	24	-
1121	214	-	43	-	28	-

Nos seis machados que observámos, em termos técnicos notavam-se problemas de fundição, como o aparecimento de vácuos ou poros. A forma do cone de fundição indica que foram fundidos verticalmente mas com um ligeiro ângulo de inclinação. A ausência de cone de fundição num dos machados deve-se a um defeito de fundição.

### 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E INTERPRETAÇÕES

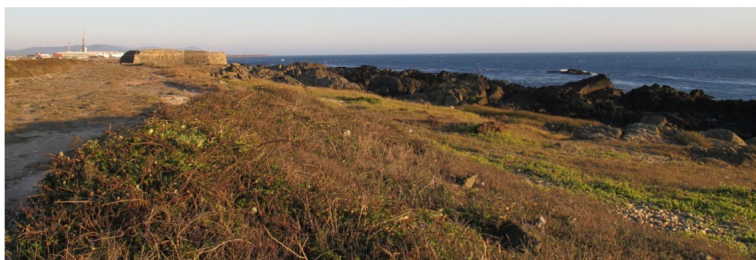
Em síntese, estamos face a um depósito de machados de talão de dupla argola do Bronze Final, provido de cone de fundição (com uma exceção resultado de defeito de fundição) apresentando todos os objectos rebarbas de fundição o que significa que não houve intenção de os acabar, pelo que não tiveram uma função prática durante o seu tempo de vida.

Cremos que o local escolhido para a amortização deste depósito não foi arbitrário, pelo que seria já portador de sentidos, constituindo a deposição de artefactos metálicos, a materialização da sua importância social.

O espaço visualizado seria igualmente um espaço de vivência e de importância simbólica para as comunidades, pelo que damos especial importância ao facto de os depositantes se terem encontrado num local com ampla visualização para sul, onde se avista a costa e o mar, a foz do Lima, o Monte do Galeão e, em último, recortado no horizonte,



o Monte Crasto/Cova da Bouça, já em Esposende e onde, no Bronze Médio, se amortizou um depósito de machados e de uma espada proto-argárica (Fig. 6). Para oeste e noroeste avista-se a costa rochosa e o mar que, neste período, estaria um pouco mais para ocidente segundo os trabalhos de sedimentologia efetuados nas aluviões do rio Bertandos, afluente do Lima, que mostram que este corria a cota inferior à actual, pelo que a linha da costa estaria mais afastada (Alves *et al.* 2003).



**Fig. 6** - Aspecto da área a sudoeste e sul do achado. Ao fundo, por detrás do forte vê-se o Monte Crasto, em Esposende

Para norte, além da plataforma litoral, no horizonte fica o promontório de Montedor. A nordeste e este a plataforma litoral e as vertentes oeste da serra de Santa Luzia de onde nascem inúmeros cursos de água que alimentam a veiga (Fig. 7).



**Fig. 7** - Parte da plataforma litoral e serra de Santa Luzia visualizada a partir do local do depósito.

A plataforma litoral constitui um excelente corredor natural de passagem terrestre entre o sul e o norte e, à micro-escala, o ribeiro constitui, igualmente, um bom corredor de acesso ao mar a partir da terra, no sentido este-oeste, pelo que, além da sua ligação óbvia com as águas, este depósito foi amortizado numa área de encruzilhada de caminhos com excelente visibilidade para diferentes quadrantes. Mas este local é também um lugar liminar entre vários elementos nem sempre pacíficos, como a água doce e a água salgada, a terra e o mar, a planície e a serra, o que poderia ter sido, igualmente, significativo.

Trata-se pois de um depósito de “margem” na perspectiva que lhe dá Vilaça (2006), contíguo ao hoje denominado ribeiro do Fincão, mas também depósito de “encruzilhada” e depósito “liminar”, lugares que, no imaginário popular, são quase sempre associados ao mundo sobrenatural e perigoso. De destacar a lenda que existe sobre esta área costeira

que refere ser povoada por bruxas e feiticeiras endiabradas, segundo Couto *et al.* 1935)<sup>8</sup>.

Deste modo, cremos ser plausível colocar a hipótese de que o depósito do Cobidalto, simbolizaria, no plano simbólico, o encontro de diferentes grupos ou indivíduos, materializado pelos diferentes fabricos de machados que celebrariam um lugar deveras significativo em termos da sua cosmogonia e de uma lógica animista de percepção do mundo, ainda presente em muitos hábitos e crenças do noroeste.

## Agradecimentos

Este trabalho foi efetuado no âmbito do projeto Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados - ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

Os autores agradecem, ainda, aos senhores António Costa Viana, António Franco, Rui Marques e Cerqueira todas as informações prestadas; às senhoras Anabela Franco e Maria Alice Fernandes da Silva e familiares a possibilidade de observar os machados de que são depositárias e à Junta de Freguesia de Areosa, os contactos e diligências efetuadas para a concretização deste trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, A.C.; ALVES, M.I.C.; ÍNSUA, D.P. & GONÇALVES, M. 2003. Aluviões de Bertandos (Ponte de Lima): estudo preliminar para a reconstituição ambiental holocénica no Entre Douro e Minho. *Ciências da Terra*, nº especial 5. CD-ROM: A1-A4.
- COMENDADOR REY, B.; BETTENCOURT, A.M.S.; SIMÕES P.P. & ALVES, M.I.C. 2014. O depósito de machados do Bronze Final de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo). Novos dados para a sua contextualização. Poster apresentado no *3rd Enardas Colloquium. Living places, experienced places. The Northwestern Iberia in Prehistory - Braga, 2nd-3th may of 2014. Abstracts book*. CITCEM, APEQ, Departamento de História da Universidade do Minho. Braga: 31-32. Disponível em [www.enardas.pt](http://www.enardas.pt).
- COUTO, A.; VIANA, T.S. & ARAÚJO, J.R. 1935. Subsídios Etnográficos. *Alto Minho* 1:27-30.
- MONTEAGUDO, L. 1977. *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel. Prähistorische Bronzefunde*. Munich: Mann Verlag. Refs: 1034, 1057, 1061, 1089, 1111, 1121, 1481, 1489.

---

<sup>8</sup> ...perto do castelo de Santiago da Barra, caminho da Praia-Norte, existiu uma grande lago conhecida por «Pedra da Linhaça». Era este o sítio predileto para a reunião das feiticeiras do bairro piscatório... Em dias indeterminados, mas sempre ao bater da meia noite, reunia o grupo em fraternal convívio, pontificando o demónio. Indigitavam-se, como componentes do rancho, várias mulheres que, iludindo os maridos, se ausentavam da casa pelo buraco da fechadura. Para tal fim, untavam-se com banha de porco ou azeite virgem, seguindo-se à unção o espoldrinhamento indispensável na cinza da lareira. Muitas vezes se ouvia, bem longe, para lá do Campo da Agonia, o gargalhar estridente das endiabradas bruxas. Porém, quando qualquer pessoa destemida, se abalançava a ir-lhes no encaço, logo se sumiam para os lados da Praia, para não mais serem vistas" (Couto *et al.* 1935:29).

O depósito de machados do Bronze Final de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo). Novos dados para a sua contextualização e interpretação

- PEREIRA, E. (coord.). 1989. *Carta Geológica de Portugal à escala 1:200.000*, Folha . Lisboa: Serv. Geol. Portugal.
- TEIXEIRA C.; MEDEIROS A.C. & COELHO A.P. 1972. *Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000. Notícia explicativa da folha 5-A (Viana do Castelo)*. Lisboa: Serv. Geol. Portugal.
- VILAÇA, R. 2007. *Depósitos de Bronze do território português. Um debate em aberto*. Conimbriga – Anexos 5. Coimbra: Universidade de Coimbra.